

# EDUCAR PELA VOZ: *movências no tempo e no espaço*

*Josebel Akel Fares*<sup>1</sup>  
*Renilda Rodrigues-Bastos*<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto consiste em um ensaio de escritura sobre oralidade e leitura, realizado por duas professoras de Literatura Infantil da Universidade do Estado Pará. A pesquisa perscruta suas próprias memórias de infância e estuda questões referentes às Poéticas orais. O texto está dividido em duas partes: a primeira implica construções baseadas no ouvir, ler e ensinar, e a segunda reconhece algumas experiências acontecidas em Belém, nos anos 80 e 90, do século XX, bem como levantamentos de narrativas no XXI. O texto baseia-se em outros escritos das autoras e expressa discussões de falas proferidas em conferências, palestras e comunicações.

**Palavras-chave:** Oralidade; Contador; Repertórios; Narrativas.

## **Contando histórias...**

As histórias formam as pessoas, narram a nação, dizia o mestre Bhabha (1998), evidenciam o processo de constituição de um processo de educação através do sensível, em que o centro é a palavra poética, o texto poético, tanto oral como escrito, em prosa ou em verso. Os relatos desenham caminhos que nos trazem até aqui, as narrativas que nos formam. Nesse sentido, vamos, então, iniciar este artigo, contando histórias e trazendo nossas memórias de infância, que o reconto da emoção narra. Se

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Professora titular em Literatura da Universidade do Estado do Pará, do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: belfares@uol.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais - Antropologia (UFPA). Mestre em Teoria Literária (UFPA, 1998). Especialista em Literatura Infanto-juvenil - PUC / MG. Professora Adjunta, do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: renildabastos@hotmail.com

as de Curuçá<sup>3</sup> vinham de três fontes e a de Sena-Madureira traziam outras. Essas histórias contam a Amazônia, narram o Brasil e o mundo, uma vez que o repertório ouvido eram contos da tradição oral, que ultrapassam os limites territoriais.

As vozes captadas do oral e transpostas para o código escrito ou as matrizes impressas do oral contam sobre os nossos primeiros narradores, os narradores do afeto, encontradas na família e na escola, um começo lúdico de vivência com a palavra, com as histórias que, com certeza, definiram nossa opção pelo magistério. Nossas narrativas vêm abaixo, em textos em primeira pessoa, contudo estabelecemos um diálogo entre eles:

Narra Bastos:

A referência primeira era a da tia Maria, que morava em frente à minha casa, e toda noite contava histórias para os sobrinhos, pois seus filhos já haviam crescido e procurado outros ninhos. Era impressionante como ela sabia os contos de fadas, que, mais tarde, descobri nos livros de Perrault, dos Grimm, de Andersen, de Figueiredo Pimentel e de Monteiro Lobato. Ficava encantada e, se ela não fosse analfabeta, diria que tinha lido todos os livros de histórias disponíveis de seu tempo. Outra fonte da palavra fundadora vinha de meu pai, grande contador de história e também um grande mentiroso, porque dizia que todas as histórias contadas para nós eram inventadas por ele para aquietar a gente! A terceira voz, não menos importante, vinha da letra, das leituras de minha mãe para os filhos, ela que era grande leitora. A história de leitura dela daria uma tese! E as palavras encantadas continuaram a fazer parte da vida na escola. Tenho lembranças gostosas de minhas professoras: a da segunda série primária, Vera, gostava de ler histórias e fazer-nos ler em sala, dela ganhei o primeiro livro de alguém de fora da família, na verdade, um prêmio pelas notas no final do ano. Na terceira e na quarta séries, as professoras eram as tias, irmãs de meu pai: Tereza e Orlanda tinham bibliotecas em seus casarões e levavam livros para os alunos lerem em sala de aula! Hoje entendo melhor minhas escolhas e

---

<sup>3</sup> Renilda nasceu em Curuçá/PA, Josebel veio de Sena Madureira/AC e cedo a família se mudou para Belém/PA.

sei que não foi à toa que escolhi ser professora primária e trabalhar com as crianças numa época em que as histórias faziam parte das atividades cotidianas, com objetivos didáticos.

Conta Fares:

Ouvi histórias na voz materna, de minha irmã Josse e de uma prima. Cada repertório bem diferente do outro. Para minha mãe, o contar tinha um caráter admonitório, exemplar, ela contava para educar os filhos. A história dos Cavalinhos e do cavalo velho<sup>4</sup>, que sempre conto em eventos, por exemplo, servia para nos ensinar que não se deve mentir. Ela contava também histórias do repertório universal, com fadas, madrastas, pobreza, nobreza. A prima Clóris, mais velha que nós, narrava histórias de assombração, adorava nos assustar, não deixava por menos, trazia visagem, cemitérios, entre outros temas funestos e, na performance, adorava virar as pálpebras para ficar mais assustadora e nós sairmos correndo de medo. Minha irmã, que me alfabetizou nas letras e nos livros, contava do escrito, lia para nós e, como neste período já morávamos em Belém e nosso pai longe, ele se fazia presente pelos livros que enviava e ela lia. Jamais esquecerei a voz desta minha mana contando tantas vezes Gulliver no país dos gigantes e Gulliver no país dos pigmeus, de Jonathan Swift. Na escola primária, aprendi muitos poemas de Olavo Bilac, que ainda hoje, com auxílio de Mnemosyne, ainda sou capaz de dizer muitos versos. Outra lembrança de escola ligada à literatura e bem triste foi quando ganhei de presente da professora Beatriz, também pelas minhas notas 100, um exemplar do livro Patinho Feio. Mal havia ganhado, uma colega levou emprestado e não adiantaram os lamentos e pedidos, ela nunca me devolveu.

---

<sup>4</sup> A narrativa conta que o cavalo velho, já sem força para o trabalho pesado no arado, foi instalado em uma casinha e deixado lá pelos cavalinhos com a recomendação que só os chamassem se tivesse alguma necessidade grave. Passa-se um tempo, o cavalo velho, acometido de saudade e solidão, grita pelos cavalinhos: *chega, meus cavalinhos, que estou morrendo*. Os cavalinhos, ao chegarem rapidamente, reclamam do apelo e do blefe, pois o velho não estava doente e atrapalhava o labor dos novos. Assim, a cena se repete e os cavalinhos a cada chamada dão menos atenção ao clamor, por fim, o cavalo velho brada, suplica atenção, mas não é atendido. O cavalo velho morre sozinho. Os cavalinhos não acreditaram nos apelos, só mais tarde, ao visitá-lo, descobrem seus “ossos brancos” (FARES, 2016).

O contador, o narrador, o intérprete, o griô, o declamador, o recitador, nominações recorrentes ao universo da poesia oral, das designações clássicas às mais contemporâneas, guarda uma escolha, é responsável pela disseminação dos repertórios, que rodeiam as mais diferentes comunidades do mundo, do mais arcaico ao mais moderno, tecnológico. Não existe narrativa sem o narrador. Assim, aqueles narradores primeiros nos trouxeram narrativas do cancionero europeu e a atmosfera feérica ou aterrorizante nos envolvia ao ouvirmos aquelas histórias. Eram contos de fadas, histórias de assombração, romances cantados e cordéis de tradição ibérica. E, apesar de convivermos com o mundo da sobrenatureza muito fortemente, as narrativas de mata, rios, eram tão naturalizadas, que não entravam nas escolas em que estudamos. Era mais fácil encontrarmos, nas ilustrações, as princesas dos contos de fada, do que um curupira ou um boto nas salas de aula. Assim, introduzimo-nos no mundo literário.

Antes, bem antes, de todo o movimento da arte e leitura na escola, uma experiência trazia um diálogo entre a literatura e as outras formas de expressão. Fazemos o registro. Na década de trinta do século XX, foi criada, no Rio de Janeiro, então capital federal, a primeira Biblioteca Pública Infantil. A escritora Cecília Meireles teve a iniciativa, quando nomeada pela Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro, para assumir um Centro Infantil. O Espaço, bastante prestigiado e de vida curta, funcionou de 1934 a 1937. Presume-se que o fechamento aconteceu por ser muito avançado para época e por estimular leituras consideradas inapropriadas para crianças, o que descontentou a sociedade conservadora da época.

A poetisa criou uma Biblioteca Infantil especializada que funcionaria no Pavilhão Mourisco, em Botafogo. Esta iniciativa, porém, duraria apenas 4 anos, sendo aberta em agosto de 1934. Com uma concepção avançada para a época, a Biblioteca além de livros infantis, reunia atividades voltadas para a música, o cinema, cartografia e jogos. Além disso, possuía espaços especiais como o cenário das Mil e Uma Noites onde os encantamentos e fantasia impressionavam e contagiavam os visitantes. Nas torres do Pavilhão foram instaladas surpreendentes coleções de estampas e selos, bem como uma discoteca. Inteiramente vibrante e ativa, a Biblioteca infantil criada por Cecília estava sempre dando espaço para datas especiais. Nessas ocasiões, era impresso um vasto material voltado para cada uma delas com textos breves, fotos, poemas e figuras ilustradas. Tudo destinado ao público

infantil, cuja linguagem era pessoalmente supervisionada pela poetisa. (GOULARD, 2015).

O forte movimento de arte-educação no Brasil, em finais dos anos 70, início de 80, do século passado, que culmina com a inserção da disciplina Educação Artística no currículo do Primeiro e Segundo graus, influencia a chegada da Literatura Infantil e Juvenil mais efetivamente à Escola. E, mesmo que, no primeiro momento, profissionais de quaisquer disciplinas pudessem ministrar aulas de Arte-Educação, os cursos de curta duração, promovidos pelas próprias secretarias de Educação e depois pelas Universidades ou por outras instituições, ainda que polivalentes, favoreciam a escola ao sopro de “criatividade” – a palavra da moda.

A literatura infantil chegaria com o movimento do contar histórias nas escolas, todavia o professor vinha das Licenciaturas (curtas ou plenas) em Letras ou do curso de Magistério pedagógico – em nível médio – e não tinha formação para a mudança. Assim, iniciam-se também os chamados treinamentos promovidos por instituições do Estado ou de fora dele. As orientações vinham dos manuais de atividades que ensinavam as formas de como contar histórias em sala de aula, que, muitas vezes, desconsiderava o caráter lúdico e educativo dos contos e, mais uma vez, colocava a literatura como uma espécie de “muletas” para se ensinar. Já tinha arrefecido a voz dos pais nas casas; a televisão já tomava o tempo das histórias. A escola talvez fosse o único lugar no qual as crianças poderiam ouvir histórias e o contar história estava relacionado à aprendizagem de conteúdos outros.

O processo vivido hoje com professores mais sensíveis à condição da arte de contar histórias teve um período de maturação. Dos anos anteriores ao período referido, dois importantes trabalhos merecem registro, devido ao aspecto educativo e pioneiro no Brasil, ambos dos anos 1950, do século passado. Essas produções serviam como manuais para ensinar àqueles que queriam contar histórias. Os livros traziam técnicas, repertórios, modos de contar, cuidados e sugestões de atividades de como deveriam contar histórias para crianças.



FIGURA 1 – Capa do livro *Arte de Contar História* – 1952.

“Arte de Contar Histórias”, de Otilia Chaves (1952), publicado pela Biblioteca de Educação Religiosa pela primeira vez em 1941, teve outra edição revista e ampliada 10 anos depois. O livro tem 12 capítulos, o anexo conta com histórias de cunho religioso. Na apresentação da 3ª edição, os editores explicam que “As professoras de Jardim de Infância e Escola Primária especialmente, encontrarão neste compendio um roteiro seguro para sua orientação na Arte de Contar Histórias, em que elas, por dever de ofício, devem ser peritas” (Os editores In: CHAVES, 1963, p. 6). A autora explica a função das histórias, atentando ao fato de que as histórias são formas de educar o jovem de maneira agradável e estimulante.

A história agrada e entretém, mas sua função real não é entreter e agradar; é, principalmente, educar.

O prazer não é o único alvo da vida, nem tão pouco deve ser seu único motivo; é, entretanto, índice de vida, especialmente, na mocidade. Cabe, pois, a sabedoria dos pais e dos educadores, aproveitar esse índice de vida das gerações novas, para orientá-los dentro de um ambiente agradável e estimulante. (CHAVES, 1952, p. 11).



Figura 2 – Capa do livro *A Arte de Ler e Contar Histórias*

“A Arte de Ler e Contar Histórias”, de Júlio César de Melo (1957), o conhecido Malba Tahan, é fruto da prática educativa do autor no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Ele era professor de Matemática e um contador de histórias, amava histórias do Oriente. O livro tem feições didáticas, pois Tahan trazia a vontade de ensinar professoras de crianças a se transformarem em contadoras de histórias; assim sendo, apresenta, inclusive, sugestões de histórias para serem lidas, contadas e musicadas.

Do ponto de vista pedagógico, temos nesta obra um exemplo admirável: nela Malba Tahan, ao mesmo tempo que elucida conceitos e teorias sobre a história infantil, apresenta orientações fundamentadas em sua experiência de contador de histórias, em domínio de auditório e em técnicas de contação de histórias. Aponta que ‘a finalidade precípua da história Infantil é divertir a criança, estimulando-lhe a imaginação e a inteligência’ (Tahan, 1964, p. 69) e que o professor, ao escolher uma história para ser lida, contada ou musicada em sala de aula, não pode esquecer de buscar atingir os objetivos da história infantil: educar, instruir, preparar a criança para uma certa atividade, desviá-la de um a corrente má de pensamentos, confortar a criança (caso da criança enferma), torná-la otimista para a vida, atender ao psiquismo infantil, atrair a criança para um ambiente sadio (biblioteca, sala de leitura, etc.) e ocupação agradável para as horas de lazer. Enfatiza ainda que ‘a história, bem escolhida e bem orientada, pode servir como viga-mestra na grande obra educacional’ (Tahan, 1964, p. 15). (FARIA, 2009, p. XX).

Os dois compêndios guardam importância para a formação do professor, contador nas escolas, para aqueles que têm que ser peritos em contar histórias “por dever de ofício”. O boom de literatura infantil, na década de 1980 do século XX, coloca, em cena e nas prateleiras, muitos títulos e grande número destes livros baseia-se na tradição

como matéria literária. “Ouviram-se” recontos, recriam-se personagens, ironizam-se outros. Chapeuzinho vermelho pode ficar amarelo, o Lobo pode ficar amigo da Vovó, virar cafetão, ou se apaixonar pela Chapeuzinho ... no mundo das intertextualidades tudo é possível. As histórias estão no livro e continuam na voz. Desse mesmo período, outros compêndios indicam outra direção, mesmo que o apoio primeiro tenha sido Malba Tahan e Oltília Chaves.

Na esteira do novo, aparecem obras como “Contar histórias: uma arte sem idade”, de Betty Coelho e o “Literatura Infantil: gostosuras e bobices”, de Fanny Abramovich, que dedica dois capítulos para tratar da poética oral e traz uma proposta mais artística do que didática, “sem cara de aula” de contar histórias. No século XXI, despontam os estudos de Cleo Busatto, com “Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa” (2003) e “A arte de contar histórias no século XXI – tradição e ciberespaço” (2006); de Regina Machado, “Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da Arte de Contar histórias” (2004); de Bia Bedran, “A arte de contar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos” (2012); de Celso Sisto, “Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias” (2015); entre tantos outros livros e artigos publicados sobre o tema.

Não podemos perder de vista o impulso dado pelas Instituições de Ensino Superior com o nascimento da cátedra de Literatura Infanto-Juvenil em Minas Gerais, São Paulo, Belém, entre tantos outros estados. No início dos anos 1990, a PUC/MG inclui, no Programa de Pós-graduação Lato Sensu (PREPES), o primeiro curso de especialização em Literatura Infantil e Juvenil, coordenado pela profa. Antonieta Cunha. Além dos cursos, ligados às Secretarias de Educação e de Cultura, Programas de incentivo à leitura e de formação de leitores, como Prodiarte, Salas de Leituras, Proler, e muitos outros se espalhavam. Em Belém, este movimento foi coordenado pela profa. e escritora Maria Lúcia Medeiros, primeira e única professora da disciplina, que se extinguiu do curso de Letras da Universidade Federal do Pará, após a sua aposentadoria.

A despeito das questões colocadas até aqui, Paul Zumthor, um dos o mais importantes estudiosos da poesia oral, tem contribuído fundamentalmente para a nossa compreensão do mundo da voz, que o pesquisador estuda a partir do medievalismo, por onde trafega, navega, caminha pelos meandros da matéria oral. Toda sua obra é atravessada por questões que implicam nos estudos sobre espaço oral, intérprete e ouvinte, a palavra fundadora, a escritura, memória, performance, voz e corpo, oralidade poética, gêneros, ritos, tempo e espaço, entre muitos outros temas para limitarmos apenas aos estudos citados.

Sobre a performance, Zumthor (1993, p. 19) nos faz atentar às diferenças entre a autoridade de quem narra ou lê um texto. Explica que, quando o poeta ou seu intérprete canta ou recita o texto improvisado ou memorizado, a ação da voz lhe concede autoridade; ao contrário, se o texto é lido, a autoridade está no livro e não na voz, o objeto que está no centro do espetáculo performático, “a presença do livro freia o movimento dramático, introduzindo nele as conotações originais” (ZUMTHOR, 1993, p. 220). O autor analisa a questão da performance de diferentes ângulos, que nos fazem compreendê-la como um dos temas de grande dificuldade dos estudos da oralidade, pois o texto escrito/transcrito/fotografado/filmado esconde os efeitos dramáticos, as pausas, os olhares, a cumplicidade de uma piscadela, a prosódia: o dialogismo do texto oral se estabelece em bases diferentes. Jamais se recupera a voz em performance, qualquer registro é mais uma forma de guardar o momento, mais um ângulo de quem conduz a câmera. “O que tenho diante dos olhos, impresso ou manuscrito, é apenas um pedaço do tempo coagulado no espaço da página ou do livro” (ZUMTHOR, 1993, p. 220) ou uma imagem projetada em tela ou ainda uma foto impressa.

Adentramos as performances, apontamos os narradores, as categorizações e exemplificação sobre as experiências em Belém/PA. O contador tradicional, aqueles que nos contaram as primeiras histórias ouvidas, narra aos ouvintes das relações familiares ou de vizinhança, em lugares particulares ou em locais públicos das comunidades ouvintes; falam aos ouvintes desorientados, que necessitam de

conselhos, ou aqueles que esquecem a dor ao ouvir uma narrativa. Esse narrador é estudado por Walter Benjamin (1993), no ensaio antológico “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e no pequeno texto “Narrar e curar”. Em grande parte, são pessoas mais idosas, que aprenderam seus repertórios no convívio com outros contadores, seja na própria terra ou em viagens, ao que o filósofo chamará de narrador artesão, sedentário, da tradição da terra e de viajante, aquele que aprende com o outro em viagens. É o contador procurado pelo pesquisador de poéticas orais nas suas investigações.

Outro tipo de narrador decora o texto para uma plateia pré-estabelecida, narra individualmente ou em grupo, se institui a partir de uma comunidade de leitores, ainda que guarde o repertório do afeto em suas memórias. Esses grupos disseminam-se, no mundo, no final do século XX, e continuam a germinar. Para as *performances*, dependendo do espaço e do repertório, alguns costumam usar pinturas especiais no corpo ou somente no rosto, vestir roupas diferenciadas, colocar adereços nos cabelos, e até incluir objetos para facilitar as pantominas que acompanharão a voz.

Em Belém, disseminam-se as vozes poéticas, como o movimento que acontece mundialmente, estabelecem-se encontros de contadores para debate e rodas de histórias, que reúnem contadores e grupos de contadores, promovidos por instituições públicas, particulares, em que haja grupos contadores ou pesquisadores. O Movimento de Contadores de História da Amazônia (MOCOHAM) congrega a maioria dos grupos e dos contadores individuais.

Enumeramos alguns grupos em atividade no Pará e Amapá: Ayvu Rapyta, Asas das histórias, Aldeia dos contadores de história, Chuva poética, Cirandeiros da palavra, Filhos e fios da palavra poética, Flor da voz, Griot<sup>5</sup>, Guardadores da palavra poética, Poeturas, Simpirilim, Trovadores da alegria, Telúricos histórias, Xamã. Uns

---

<sup>5</sup> Faz parte do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), instituição a qual pertencemos, o grupo composto por estudantes de diferentes cursos e coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Renilda Bastos, que desenvolve trabalho de extensão junto a escolas, bibliotecas, centros culturais, asilos, entre outros espaços.

são ligados a instituições de ensino superior, outros ao ensino básico e ainda outros organizados a partir da experiência e do desejo de seus integrantes. O número de componentes dos grupos varia. Os ligados a alguma instituição científica ou escolas tendem a serem maiores.

Os contadores individuais ou aqueles que Zumthor (1997, p. 228) chama de “profissionais livres”, independentes de instituição, algumas vezes agrupados em confrarias mais ou menos marginais, subsistem, ou pretendem sobreviver, de sua arte. Nesse particular, enumeramos os trabalhos de Adrine Motley, Alessandra Macedo, Alessandra Dias, Ana Selma Cunha, Andréa Cozzi, Andreza Alcolumbre, Ariane Caldas, Carla Melo, Cléa Palha, Cris Rodrigues, Dia Favacho, Elaine Casseb, Ester Sá, Gilvanete Situba, Heliana Barriga, Henrique Lobato, Janete Borges, Jessica Melo, Joana Chagas, Joana Martins, Joca Monteiro, Jorginho Quadros, Lilian Ticia, Livia Faro, Maiolina Neves, Marluce Araújo, Rita Melém, Sônia Situba, Wandiléia Foro. Alguns fazem parte de grupos, mas também desenvolvem trabalhos individuais.

Antes de apresentar outro tipo de narrador, registramos o importante trabalho desenvolvido pelo Grupo Lítero-musical Mãos Dadas, de certa forma, inaugural na área, de grande evidencia nos anos 1980 (1981/1991). O Mãos Dadas foi idealizado por Josse Fares e Ciro Pimenta, professores de Literatura da Escola Estadual Deodoro de Mendonça, e composto por alunos e convidados. No auditório da Escola, iniciou suas atividades com as apresentações “A poesia social em Drummond e Chico Buarque”, “Falando de Amor” e “Mostra de poesia e música paraense”, de maior repercussão, com este trabalho o grupo rodou escolas municipais, levando a proposta de formação de leitores. Além dessas atividades, espalhou poesia em praças, participou dos projetos Serenatas do Carmo (SEMEC/Grupo de Cultura), Praça Aberta (na Praça do Povo/CENTUR), apresentou-se no Bar Garagem, na Feira do Ver-o-Peso, declamou em atividades de movimentos sociais.

O grupo era coordenado por Josse Fares, com a colaboração do professor e escritor Paulo Nunes – quando ainda aluno, tinha a direção musical de Beto Fares,

que levou o grupo musical Tercina, do qual participavam, além dele, os músicos Salomão Habib e Mário Morais; como alunos e convidados, contavam, no palco, com Elaine Oliveira, Linda Ribeiro, Sandra Nunes, Luis Fernando Videira, Jorge Nahun, Heloisa Santana, Evaristo Preto, Paulinho Tipiti. Aldemir Silva, violonista e compositor, e Gerardo, do violão de sete cordas, participaram do Falandando de Amor, e Bel Fares, participava na contra-regragem das apresentações, ajudava na seleção de repertórios e no registro fotográfico do grupo. Por esse trabalho de divulgação poética, a professora Josse recebeu a medalha do Mérito do centenário do Manuel Bandeira (SEDUC/Governo do Estado do Pará). Esta recuperação foi feita de memória.

Por fim, voltamos aos tipos contadores para falar daquele que conta *in absentia*, em ausência, bastante comum na contemporaneidade. Assentado no mundo tecnológico, as vozes e imagens estão em outra dimensão, chegam até nós em diferentes suportes midiáticos e assumem múltiplas formas. Há bem pouco tempo, vinis (compactos ou LPs) e fitas cassetes traziam histórias para crianças, depois vieram os CDs, DVDs, hoje se baixa pela web, se assiste via Netflix, Youtube, dentre outras muitas disponibilidades. A aceleração global dispersou ou diminuiu a presença do contador, ele quase desaparece dos lares, dando lugar a essas outras formas de contar e as narrativas se atualizam ao sabor das mudanças sociais. Em Belém, importa registrar duas experiências ligadas às emissoras Culturas, que fizeram, e ainda fazem, histórias e sucesso entre o ouvinte e o espectador infantil: o Abracadabra e o Catalendas.

O programa Abracadabra, da Rádio Cultura, é produzido e apresentado por Linda Ribeiro, aos domingos, às 9h. Com mais de 20 anos no ar, foi criado com a proposta de retomar o gosto de ouvir e contar histórias, além de trazer à memória brincadeiras tradicionais da infância. “É um herói da resistência, porque não há mais espaço para criança no rádio e nem nas tvs aberta”, diz a produtora.

Programa é voltado ao público infantil e retoma os hábitos de ouvir e contar histórias. Há mais de 20 anos no ar, o programa traz de volta ao rádio as cantigas de roda, o trava-língua, as adivinhas e outras brincadeiras

tradicionais. As histórias contadas no Abracadabra são acompanhadas de referências como autoria e ilustração, para estimular a leitura e formar leitores. A programação musical é especialmente selecionada para agradar a criançada. O Abracadabra vai ao ar todo domingo 9 da manhã. (RÁDIO CULTURA. Disponível em: <http://www.portalcultura.com.br/node/497?page=3>).

O *Catalendas* foi levado ao ar pela Tv Cultura Pará e pelo canal Ra-tim-bum e tinha na produção Aníbal Pacha, David Matos, Adriana Cruz, Paulo Ricardo Nascimento, Aline Chaves, do Grupo *In Bust*, e Joséa (Zea) Fares, na consultoria e pesquisa de narrativas. Este programa teve uma divulgação nacional e local com grande audiência. Divulgou o nosso imaginário poético. Comprova-se o fato ao percebermos que educadores e crianças de outros estados brasileiros o conhece e, outro dia, ao falarmos sobre o programa, em sala de aula, percebemos que muitos de nossos alunos do curso de licenciatura em Letras o reconhecem e confessaram que assistiam e adoravam, disseram ainda que conheceram as mitopoéticas amazônicas através dele.

Os contos fantásticos e as narrativas populares do folclore brasileiro são resgatadas no programa infantil *Catalendas*. Os apresentadores são dois bonecos de teatro que representam animais da floresta amazônica: a sábia Dona Preguiça, uma contadora nata de histórias; e Preguinho, um curioso macaquinho com o qual as crianças vão poder se identificar. Educativo e divertido ao mesmo tempo, *Catalendas* desperta a criatividade e imaginação das crianças através da valorização da cultura nacional. Com o apoio de um consultor, escritores recriam histórias famosas na voz do povo. Para criar a estética do programa, foram utilizados materiais naturais da Amazônia. *Catalendas* é produzido pela TV Cultura do Pará, em uma parceria com a Companhia *In Bust* Teatro com Bonecos. Descrição: Contos e narrativas populares do folclore brasileiro apresentados por dois personagens da fauna brasileira: sábia Dona Preguiça e Preguinho, um curioso macaquinho. Produção da TV Cultura do Pará. (<http://tvbrasil.ebc.com.br/catalendas>).

Ainda ligado ao tema, registramos o circuito nacional do filme *Lendas Amazônicas*, produção local em coprodução da GNT. Direção: Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho Filho. Música: Sebastião Tapajós. Elenco: Cacá Carvalho, Dira Paes, Nilza Maria, Walter Bandeira, Adriano Barroso. Depoimentos: Benedito Nunes, João de Jesus Paes Loureiro, Walcyr Monteiro, Maestro Isoca, Guilherme Fernandes, Josebel Fares. Misto de documentário e ficção, a série é dividida em quatro episódios:

Belém, Mitos e Mistérios; O Boto; Matinta Perera; A Cobra Grande. Lançado em 08/11/1998, o filme foi exibido em outros países, como Espanha e Portugal.

Como se observa nos repertórios apresentados, nos programas acima citados, prevalecem os textos de tradição oral. Esse tipo de narrativa depende da memória do narrador, que, muitas vezes, se situa na infância e em vozes da comunidade narrativa. A poesia pode ser aprendida por meio da voz de círculos de convivência não institucionalizados (parentes, amigos, vizinhos) ou institucionalizados (escolas, clubes, associações). A experiência do ato narrativo, assim, relaciona-se com gêneros e repertórios. O processo de constituição de repertórios implica escolhas e formas de aprendizagem.

Na Amazônia, pesquisas confirmam que a poesia oral mais referida são os contos, casos ou as narrativas míticas, e as histórias são *vivenciadas* pelo contador, principalmente, os que vêm da mata ou do rio. A região se funda pelo mito. As Icamiabas, nome indígena das Amazonas, o muiraquitã – amuleto sagrado doado aos homens que “deitassem” com as guerreiras – e o mito do Eldorado representam uma forma de compreensão da região construída pelo mítico.

Os repertórios locais trazem narrativas europeias, as mitologias de origem indígena e africana. A presença nordestina é marcante na construção das mitopoéticas, devido às levas de nordestinos, que chegam à Amazônia fugindo da seca e com a promessa do novo Eldorado. Logicamente, recorrem nestes repertórios, em prosa ou em verso, o que Cascudo (1983), em *Geografia dos Mitos Brasileiros*, exaustiva pesquisa sobre o assunto, chama de *mitos primitivos ou gerais*, em que estuda os provenientes das etnias formadoras do país, e os *mitos secundários e locais*, em que documenta cerca de 50 narrativas em versões de diferentes Estados brasileiros.

Na tentativa de comprovar sua tese, Fares (2012) investiga a produção científica em relação à poesia oral na Região Norte, a partir de trabalhos orientados

por 05 pesquisadores das poéticas orais do Pará<sup>6</sup>, registrados na plataforma lattes, no período de 1997 a 2011 (154 trabalhos). De certo modo, o trabalho comprova que os estudos privilegiam as narrativas e que os repertórios narrados referem-se aos saberes da região. O levantamento preliminar em relação ao tratamento do *gênero oral* apresenta o uso das palavras-expressões, como narrativa/narrativa oral; conto/contopopular; contos de fada/encantamento; conto de assombração; lenda; mito/mitologia; cordel; provérbio-dito; caso/história de vida; fábula; histórias infantis. A grande maioria dos trabalhos utiliza-se da terminologia narrativa/narrativa oral e mito/mitologia.

Em relação ao *tema*, aparece a literatura feminina; literatura de migrante; mito de origem; mito indígena; africanidades; medievalismo, religião, objeto de valor. O maior número de trabalhos foi com temas indígenas e as etnias citadas foram: Tupari, Surui, Parakanã, Makurap, Apinajé, Akaké, Aikewára. As *personagens* de maior recorrência: Boto; Matinta; Curupira, Cobra grande, Mãe d'água; Pororoca; Uirapuru; Icamiabas; Rei Sebastião; Lobisomem.

E outro momento, Fares (2016) investiga a tese sobre os repertórios mais presentes na voz de grupos de contadores e de contadores independentes. Agora, faz o levantamento através do Facebook. Em uma postagem dirigida aos contadores de história pertencente à rede social, dia 19/06, pediu que relatassem sobre o repertório dos seus contares: prosa, poema, drama; da tradição oral ou escrita; quais os narradores/autores, os textos que gostam mais contar, declamar, recitar, narrar, etc. Marcou cerca de 30 amigos e, até o dia 22/06, recebeu 16 respostas: 03 de grupos, 13 de contadores independentes, entre eles um do Rio de Janeiro, uma da Bahia e outro de Amapá, os demais do Pará. Todos contam histórias do mítico-lendário, a maioria, da Amazônia, mas também contam textos originários da escrita de autores locais e nacionais. As respostas consideram o ouvinte como determinante do repertório.

---

<sup>6</sup> Ivânia dos Santos Neves (UNAMA); José Guilherme Santos Fernandes (UFPA); Josebel Akel Fares (UEPA); Maria do Socorro Simões (UFPA); Renilda do Rosário M. Rodrigues Bastos (UEPA),  
ISSN 2317-6571 *Fares & Rodrigues-Bastos*

Alguns recortes das respostas sobre poesia oral (página no facebook: belfares, postado no dia 19/06, às 12h52min):

### Os grupos dizem...

Temos um repertório misto, poemas, músicas cantadas, recitadas. Textos da tradição oral, de livros. Estamos sempre pesquisando e buscando ampliar o nosso repertório, fica até difícil te dizer aqui autores/narradores... Buscamos inclusive histórias de outras culturas e povos. (Janete Borges, Grupo de Contadores Xamã/PA).

O repertório transita por gêneros diversos: dos contos de tradição oral e escrita, como fábulas, lendas, mitos, parlendas, contos maravilhosos, poemas, sonetos, haicai, crônicas, adaptações de peças teatrais, cantigas de rodas, canções populares ou não, dentre outros. [...] Mas os textos que nunca faltam ao nosso repertório é aquele de expressão amazônica, que falam da nossa chuva, rios, ilhas, comidas... nossa cultura. (Grupo Ayvu Rapyta Contadores de histórias/PA).

Costumamos incluir em nossos repertórios poemas, parlendas, cantigas de roda, canções de ninar, brinquedos cantados, trava-línguas, como também lendas, contos, fábulas, narrativas oriundas da oralidade e da escrita, que passeiam pelo universo regional e universal [...] As histórias que já atraíram crianças de diferentes faixas-etárias, são os textos relacionados ao imaginário amazônico, o boto, a matinta, a cobra grande, o curupira... As crianças bem pequenas se encantam com histórias brincantes e divertidas, que mexem um pouco com sentimentos mergulhados nesse imaginário infantil de encantamento, magia, superação, desafio... (Sonia Santos, Grupo Cirandeiros da Palavra/PA).

### Os contadores independentes confirmam

Minha paixão são as lendas e os mitos de nossa mágica região, permeado com os mistérios das visagens e assombrações - as conhecidas, divulgadas pelo Walcyr e as tantas outras que escuto das pessoas por onde conto e ouço... muito raramente conto uma ou outra de livros de literatura universal... Os músicos de Bremen, O espelho da princesa, O afilhado do diabo... (Alci Santos/PA).

Aprecio contar narrativas com títulos conhecidos, mas com enredos diferentes como Chapeuzinho vermelho e a história de um menino, seu capuz e o refrigerante borbulhante de sua mãe que fez o lobo arrotar a vovó... Contos africanos também apresentam uma beleza singular e me envolvem como contadora. Nossas lendas me apresentam uma proximidade que mexe com minha própria infância e os contos populares que iniciam os fios de minhas memórias. (Elaine Casseb/PA).

Sigo os conselhos de La Fontaine: 'Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar histórias em que não faltem animais e muita fantasia'; e de Drummond: 'que faça acordar os homens e adormecer as crianças'. [...]

Narrativas de domínio público, com matriz na oralidade, as lendas amazônicas, parlendas, adivinhas e trava-línguas. (Linda Ribeiro/PA).

Amo as narrativas em seus diversos detalhes. A mitologia amazônica é minha paixão: cobra grande, mapinguary, matinta e inhagas, estas escutadas em momentos mágicos e guardadas no coração. As narrativas indígenas e as mensagens de renascimento das lendas... Histórias de reis, príncipes e princesas me encantam, tanto as que li e outras que ouvi. E os contos africanos? Estes me arrebatam coração, com ensinamentos tão belos. Pesquisei ultimamente contos de Nasrudin, sábio da cultura árabe e suas histórias que ensinam fazendo rir. Tenho também voltado meu olhar à minha origem nordestina e revisitado Câmara Cascudo. (Ana Selma Cunha/PA).

Ando interessada em reencontrar as narrativas que escutei da minha Avó Janoca, entre elas a do Bicho Folharal. Vou tentar mergulhar nos estudos de Câmara Cascudo para desenrolar estes fios de memórias... (Myrle Monteiro Santa Brígida/PA).

Eu adoraria ser uma contadora de histórias, mas não tenho essa competência. Mas, costumo contar histórias para o meu neto. Serve? Então, aí vai: contos de fadas, e histórias da mitologia grega [...] Entre os clássicos contos de fadas: Cinderela, Branca de Neve, A Bela e a Fera... (Fátima Moreira Rodrigues/PA).

Conto histórias que me tocam, tem algumas que não sei os referenciais, não foram divulgadas pelos contadores. Gosto de contar contos populares, lendas indígenas, lendas amazônicas, contos maravilhosos, fábulas, contos africanos e agora ouvi histórias de assombração contada por uma contadora lá de Santa Catarina, fui tocada e vou incluir no repertório. Venho contando também contos infantis. Esse é um pouco do repertório que venho espalhando por onde me convidam para narrar. Sou movida pelo escutar e depois contar, mas também sou movida pela palavra escrita e dizeres dos autores. Enfim, amo o poder da palavra! (Maiolina Neves/PA)

Tenho curtido em casa, contar histórias da tradição iorubá, histórias das nossas histórias de infância e histórias inventadas... (Lívia Araújo/PA)

Eu conto histórias que me levam a uma memória coletiva, naturalmente tecidas com a encantaria amazônica. Tenho 8 histórias coletadas em uma pesquisa pelo interior do Amapá, 4 histórias quem vêm dos meus ancestrais e 2 histórias de infância. Mas isso não é regra, é metamorfose. Me reconheço a dois anos e meio como contador de histórias e durante esse tempo eu tenho me recolorido a cada lugar novo por onde encontro muitos outros contares. (Joca Monteiro/AP).

O avô dos meus primos, que morava em Salvaterra, no Marajó, quando ia visitá-los trazia muitas histórias de lá. Histórias de Lobisomem, da Matinta; de assombração, cachorro do mato, e tantas outras. No repertório das histórias de Seu Manuel não tinha nenhuma de Conto de Fadas [...] Estas histórias semearam minha infância e floresceram. Por causa delas, no ano de 2011 entrei para o grupo de Contadores de Histórias Griot. [...] as histórias

que mais gosto de contar são os poemas para crianças. (Carla Vasconcelos/PA).

Os meus contares não são meus, são uma mistura de tudo o que vivi: com meus avós, principalmente, meu avô materno que me contava histórias imemoriais; de minha avó paterna que lia as histórias da Bíblia; de meus pais que liam livros para mim; das pessoas que encontrei e continuo encontrando pelos caminhos que a vida me leva, pelos interiores do Pantanal, pelos interiores do Pará. E que venha mais histórias!!! (Rita de Cassia Silva/PA)

Gosto de CONTAR e LER EM VOZ ALTA os Mitos Brasileiros (diversas etnias) e as chamadas Lendas Amazônicas. Claro, além dos Contos tradicionais e autorais. Ainda, as Fábulas, os Romances Populares (variantes dos medievais), Poemas, Crônicas, Letras de Música e os Causos de Família. Incluo a presença sempre que possível as Histórias Maravilhosas e de Encantamento. Repertório constituído em um Acervo com as Práticas Leitoras em quase 70 anos. (Francisco Gregório/RJ).

Não sei o nome da história, mas tenho lembrança uma daquelas narrativas que um pobre passa por várias situações difíceis, cria uma advinha pra princesa, ela não decifra e o casamento acontece como forma de pagamento/prêmio. Lembro algumas de assombração em casa de farinha, pé de umbu mal assombrado por conta de botija enterrada; tem outra de encantamento (conta a história Um é o rei dos carneiros, outro o rei dos pássaros e outro o rei dos peixes)... Claro que há outras mais conhecidas, como João e Maria, A Borracheira, Os três porquinhos, A guardadora de gansos, O aprendiz de feiticeiro, O flautista... (Andrea Mascarenhas - pesquisadoras das Poéticas Oraís/ BA).

E assim concluímos que, como é possível perceber por esses exemplos, já existe certo acúmulo sobre os temas que envolvem os contadores de história, as poéticas orais. Não podemos esquecer também que, na virada do milênio, além dos espaços nas casas, nos quintais, nas ruas, nas escolas, nas universidades, nas associações, em lugares públicos ou privados, se alargaram para livrarias, hospitais, centros de acolhimento, e tantos outros. O país continua a expressar todo um saber por meio do poético e seduzir o ouvinte para uma pausa para a fruição de um bom texto, seja por meio da voz em presença ou em ausência.

Se ontem a preocupação era pequena em relação à dimensão estética da palavra, hoje pesquisadores problematizam as práticas do contar, refletem sobre esse papel, trazem para voz a figura secularizada do contador nato, tradicional, como também dos contadores contemporâneos. Um movimento que tenta compreender os

fenômenos que envolvem a teoria e a prática do contar histórias, um entendimento maior sobre a letra, a voz e a imagem.

## EDUCATION BY VOICE: “*movências*” *in time and space*

118

**Abstract:** The text is a writing essay on orality and reading, performed by two Children’s Literature professors of State University of Pará. The research scans these professors’ own memories concerning childhood and studies questions related to oral Poetics. This paper is divided into two parts: the first one implies constructions based on listening, reading and teaching; the second one recognizes both some experiences that happened in Belém in the 1980s and 1990s and the surveys of narratives in the 21<sup>st</sup> century. This paper is also based on authors’ written works and expresses some discussions they presented orally in conferences, lectures and communications.

**Keywords:** Orality; Storyteller; Repertoire; Narratives.

### Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo Scipione, 1989.

BEDRAN, Bia. **A arte de contar e contar histórias:** narrativas orais e processos criativos. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras escolhidas. Vol I. 6. ed. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUSATTO, Cleo. **Contar e encantar.** Pequenos segredos da narrativa. São Paulo: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A arte de contar histórias no século XXI**. Tradição e ciberespaço. São Paulo: Vozes, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.

119

COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 1986.

CHAVES, Otilia. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1952 (3 ed. 1963).

FARES, Josebel Akel. A velhice como fonte de pesquisa. In: FARES, Josebel Akel. **Memória de Mestre: Belém antiga em narrativas de professores**. Belém: Eduepa, 2016.

\_\_\_\_\_. Quem conta e o que conta? Ou o contador e seus repertórios. Texto apresentado na **Conferência Internacional "Histórias Para Mudar Mundo"**. Belém: Red internacional de Cuentacuentos /SESC, 2016.

\_\_\_\_\_. Levantamento da Produção em Poesia Oral no Pará. Apresentado no **II Seminário de Poéticas da Oralidade**, Salvador: ANPOLL/GT de Literatura Oral, 2012.

\_\_\_\_\_. Poéticas orais, um caminho para educação do sensível. In: **Assimetrias e desafios na produção do conhecimento em educação**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015.

FARIA, Juraco Conceição de. **As histórias infantis de Malba Tahan: um caleidoscópio interdisciplinar**. Campinas: COLE/Associação de Leitura do Brasil, 2009.

GOULARD, Rogério Lima. **A poetisa que criou a primeira Biblioteca Infantil no Brasil**, 2015. Disponível em: <http://br.blastingnews.com/cultura/2015/01/a-poetisa-que-criou-a-primeira-biblioteca-infantil-no-brasil-00245595.html>. Acesso 25/06/2016

MACHADO, Regina. **Acordais - Fundamentos Teóricos-poéticos da Arte de Contar Histórias**. São Paulo: Difusão Cultural, 2004

\_\_\_\_\_. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Reviravolta, 2015.

RODRIGUES-BASTOS, Renilda. Contadores de histórias: tempos e espaços. Texto apresentado na **Conferencia Internacional “Histórias Para Mudar Mundo”**. Belém: Red internacional de Cuentacuentos/SESC, 2016.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. 3. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. *A literatura medieval*. Tradução Jerusa Pires Ferreira; Amalio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia Oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Pochat, Maria Inês Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.